



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A atualidade da discussão sobre a psicose ordinária na clínica de orientação lacaniana

L'actualité de la discussion sur la psychose ordinaire dans la clinique d'orientation lacanienne

The actuality of the discussion on ordinary psychosis in the lacanian-oriented clinic

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Orcid: [0000-0001-5338-9417](https://orcid.org/0000-0001-5338-9417)

Professora Adjunta A do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)
Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Bolsista PNPd-CAPES / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro da Associação Universitária de Psicopatologia de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)
E-mail: flavialanago@gmail.com

Catarina Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-0544-9953](https://orcid.org/0000-0002-0544-9953)

Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro / UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)
MBA em Direito Societário aplicado ao mercado de capitais pelo Ibmecc – RJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Veiga de Almeida / UVA (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: catcdoms@gmail.com

Resenha do livro:

Maleval, J.-C. (2019). *Repères pour la psychose ordinaire*. Paris: Navarin Éditeur.

Jean-Claude Maleval é um reconhecido psicanalista lacaniano francês, membro da École de la Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise. Jacques Lacan foi seu supervisor. Tornou-se professor e pesquisador na Université Rennes 2 em 1988. Contribuiu expressivamente para a criação de uma orientação psicanalítica no ensino da psicopatologia desta universidade, na qual é professor emérito desde 2014. Seu recente livro, *Repères pour la psychose ordinaire*, se destaca pela abordagem primorosa dos elementos clínicos que balizam a discussão diagnóstica em torno das psicoses ordinárias, demonstrando sua pertinência para a clínica contemporânea. Maleval parte da constatação de que os sujeitos psicóticos que vêm hoje encontrar um psicanalista apresentam frequentemente uma fenomenologia psicótica discreta, sendo as manifestações de um grande delírio sendo raras. A hipótese da forclusão do Nome-do-Pai, proposta por Lacan nos anos 1950, introduziu uma lógica esclarecedora. Torna-se concebível que o sujeito seja estruturado em um modo psicótico sem que a psicose clínica seja propriamente deflagrada. Além disso, a difusão da quimioterapia e dos neurolépticos produzem, ao mesmo tempo, um aumento considerável de psicóticos que apresentam apenas uma sintomatologia discreta compatível com um funcionamento social mais ou menos adaptado. Nesse contexto que nasceu, em 1998, na Convenção de Antibes, a noção de “psicose ordinária”, introduzida por Miller.

Desse modo, os estudos psicanalíticos de orientação lacaniana se interessaram cada vez mais

pelos psicóticos mais modestos, que reservam surpresas, mas que podem se fundir em uma espécie de média: a psicose compensada, a psicose suplementada, a psicose não-desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise e a psicose ancorada em um *sinthoma*. Ao longo do livro, Maleval evidencia que a psicose ordinária não é uma psicose atenuada. Ela não designa os prenúncios de uma doença, mas um modo de funcionamento subjetivo específico, que possui recursos que podem gerar diversas formas de estabilização: dos escoramentos mais frustrados às suplências mais sólidas. Este quadro encontra um terreno favorável à sua multiplicação em uma cultura que empurra ao gozo. É um tipo clínico correlato aos novos tempos do Outro que não existe, em que os sujeitos não se orientam mais pelo Um da exceção, promotor da castração do significante que está no cerne de princípios morais como austeridade, abnegação e sacrifício, que advogam uma negatização do gozo. A emergência da psicose ordinária se inscreve neste contexto social, que privilegia um tratamento objetal do gozo pelas condutas de castração real, ou pelas iniciativas de extração, de recuperação ou acumulação do objeto. No primeiro plano, encontramos o tratamento do gozo pelo objeto, mutilações ou maltrato do corpo, revelando que o declínio social do Pai não é o declínio da castração. Testemunha ainda a colocação em continuidade do simbólico contemporâneo com o imaginário, revelando que a pregnância de certas imagens pode vir a enquadrar um gozo transbordante. Quando os psicóticos ordinários estavam integrados em laços sociais estruturados pelos ideais sólidos, seu desnorreamento encontrava facilmente como se compensar. Hoje ainda se nota sua apetência por comunidades muito hierarquizadas, como Forças Armadas, Igreja ou as seitas.

O livro é dividido em três partes. A primeira, intitulada "Compreensão da psicose ordinária", se decompõe em dois capítulos. No primeiro deles, denominado: "Detectar a psicose ordinária", Maleval se dedica inicialmente à clínica dos fenômenos elementares, que revela um fracasso do nó borromeano, para se debruçar em seguida, no segundo capítulo, sobre as suplências e modalidades de remendo do eu, que permitem estabelecer outra forma de nó, não borromeano. Uma das diferenças maiores entre fenômenos elementares e signos discretos da psicose ordinária reside no fato de que o sujeito se queixa ou se surpreende com os primeiros, enquanto que os segundos são assumidos. A especificidade desta clínica reside na elaboração das suplências e dos modos de estabilização. Por este motivo, convoca a uma abordagem atenta à presença de fenômenos elementares ou desligamentos e, ao mesmo tempo, sensível aos mecanismos de compensação. Uma pluralidade de Nomes-do-Pai é possível para os neuróticos. Cada sujeito encontra sua maneira de colocar no lugar a função paterna. Para os psicóticos, as modalidades de suplência, próprias a cada um se mostram de grande diversidade. Maleval ressalta que uma suplência se ancora em uma função de limitação que opera sobre o gozo sem chegar a equivaler à castração. Trata-se de uma invenção singular que opera uma pacificação do gozo e que conserva o traço do fracasso a qual ela remedia, pois suplementar não é substituir. A suplências implicam, portanto, uma certa degradação da função paterna foracluída. A falha que chama a suplência não é reduzida, preenchida, mas permanece incluída na solução que permite ir além. Maleval também especifica que há lugar para distinguir as suplências preventivas, aquelas que estão em relação com

uma estrutura psicótica fora-desencadeamento, e as suplências curativas, elaboradas posteriormente na psicose declarada.

A segunda parte trata das “falhas do nó borromeano” apresentadas na psicose ordinária. Possui três capítulos. No primeiro, o autor demonstra a presença invasiva nestes sujeitos do objeto *a*, por meio da emergência de um gozo fora do limite, na forma de esboços de empuxo à mulher expressos por comportamentos como acúmulos patológicos, lutos patológicos, entendimento de si mesmo como executor de sacrifícios salvadores e necessidade de confrontação com a vontade de gozo do Outro. A simbolização da perda do objeto *a* coloca em jogo a falta que comanda o desejo e permite ao sujeito se fazer representar no campo do Outro. Este conceito derivado do objeto perdido freudiano conhece certamente diversos remanejamentos no ensino de Lacan, mas sua não extração conserva sua pertinência na teoria da psicose para designar uma separação que não adveio, deixando subsistir um gozo excessivo e inquietante. Assim, na psicose desencadeada, a voz se sonoriza em insultos, um olhar inquisitório vigia o sujeito, o objeto oral o envenena ou o objeto anal o invade. Na psicose ordinária, a não-extração do objeto *a* se faz discreta, mas ela é correlativa de uma conexão não borromeana do real às outras dimensões, as quais se revelam então não estar em medida de exercer plenamente sua função limitadora em relação ao gozo. Muitos psicóticos ordinários enfatizam uma cena de rejeição, na qual eles tomam um lugar de objeto caído. Não é raro constatar uma identificação imaginária à vítima no psicótico ordinário, ela constitui uma maneira de valorizar e de mascarar uma fundamental posição de rejeição quando ele não está em medida de inscrever a falta no Outro. Sabe-se que este fenômeno revela não somente uma identificação do sujeito com o objeto do gozo do Outro, mas também uma tentativa para significantizar esta posição. Segundo Maleval, a feminização evita o ingresso em uma posição melancólica na qual ele encarnaria o objeto do gozo do Outro, por ser incapaz de portar um semblante.

No segundo capítulo, Maleval aprofunda o tema da inconsistência do sujeito e sua fuga ao sentido através do exame das quebras na cadeia significante e do gozo da letra. Quando “o simbólico colapsa no real”, o S1 se alimenta dele mesmo, cortados do S2 e fora do sentido, nas variações insensatas da letra e tende a produzir fenômenos de corpo. Eles parecem à espera de significações e se apresentam mais frequentemente sob um aspecto enigmático que suscita a perplexidade do sujeito. Nessa direção, no terceiro capítulo, são examinadas as mudanças imaginárias e as perturbações de identidade ocorridas nos sujeitos da psicose ordinária através dos sintomas como: abandono do corpo e embotamento afetivo, o sinal do espelho, o transativismo, o funcionamento “como se”, os impostores patológicos, a superidentificação, assim como a ligação intensa a um ente querido. Finalmente, a terceira e última parte trata dos “sinais discretos do nó não-borromeano”, e se desdobra também em três capítulos. No primeiro, Maleval desenvolve o tema da relevância primordial da imagem através do estudo das diversas formas em que ela comparece em um lugar de destaque para o sujeito psicótico. No segundo capítulo, aborda o papel e a função dos *sinthomas* na psicose ordinária. Já o capítulo final se debruça sobre a importância da fantasia da mudança de sexo para o *sinthoma* transexual.

Portanto, trata-se de um livro que atualiza o valor clínico do último ensino de Lacan. Ainda que a forclusão do NP possa ser concebida nas últimas elaborações de Lacan como um fracasso da nodalidade borromeana da estrutura do sujeito e ainda que a de Joyce a coloque em evidência, o escritor não desencadeou uma psicose. Para dar conta disso, Lacan introduziu a hipótese de uma reparação do nó operada por intermédio de um remendo do eu. Joyce não pode dizer “tenho um corpo”. Ele constrói uma representação de si mesmo que se sustenta em sua escrita. A partir de então, o eu joyceano revela não ter a função narcísica, mas a de corrigir o fracasso do nó, graças ao seu “remendo”. Pela escrita, Joyce instaura um segundo nó entre o real e o simbólico, que captura o imaginário em seu tecido, impedindo que este deslize mais adiante. O eu de Joyce se constitui sem imagem do corpo por intermédio de um enquadramento formal traçado pela escrita, de modo que sua arte supre sua vestimenta fálica ausente. Ele não crê nos semblantes; as evidências do sentido comum lhe fazem horror. De acordo com Maleval, estando “desinscrito no inconsciente”, o escritor se torna capaz de desnudar o aparelho do *sinthoma*: uma letra sem Outro que fixa um gozo opaco. Instaurando um segundo laço entre o simbólico e o real, o eu falhado imobiliza o imaginário. Assim, a escritura do *sinthoma* restaura um nó. Este breve panorama introduz em linhas gerais um trabalho enriquecido com muitas vinhetas clínicas que ilumina o fazer do psicanalista na atualidade.

Citação/Citation: Oliveira, F. L. G. de, & Coelho dos Santos, C. (nov. 2021 a abr. 2022). A atualidade da discussão sobre a psicose ordinária na clínica de orientação lacaniana. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 181-184. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2022v17n33p181-184

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 01/10/2021 / 10/01/2021.

Aceito/Accepted: 24/10/2021 / 10/24/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.